

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:— Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1\$200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1\$500 rs., semestre 750 rs.— avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 18

BRAGA

SABBADO 27 DE MAIO DE 1882

AO GOVERNO

Em um paiz, em que o espirito de imitação, é companheiro fiel de quanta extravagancia apparece no mundo politico, é para se temer quando as chronicas espalham a nova de um adversario qualquer.

Agora chegou a vez ao clero, e busca-se o clero mais respeitavel, desde o Nuncio de sua Santidade, até ao ultimo coadjutor de freguezia, para os insultos da canalha de gravata. A garotada assumio os fóros de potencia politica, e o governo, em nome de uma tolerancia absurda e impossivel, consente que no meio das cidades, todos os dias, se estejam repetindo os ultrajes covardes e infames a homens inoffensivos, cuja respeitabilidade é inequivoca, e cuja posição social merece consideração em todos os paizes do mundo, onde a civilização exista, ainda no seu estado menos adiantado.

Para vergonha nossa vem a Portugal de passagem muitos missionarios estrangeiros, que na boa fé de que Portugal é um paiz a par dos demais paizes da Europa, desembarcam como todo o viajante, que aporta a um paiz qualquer. Não encontram a hospitalidade que sempre distinguio outrora a fidalguia do caracter portuguez, e que a fez tradicional; encontra-se indefesso no meio de uma horda de selvagens, no seio de uma canalha desenfreada, sem educação, sem brio, sem patriotismo, que apupa e insulta, que apredreja, e nos envergonha. Olha em redor de si, e vê os agentes da auctoridade a rir da humilhante figura que faz um homem, só, em paiz extranho, surpreendido de encontrar um povo de miseraveis, onde existe uma lei que se chama Carta Constitucional, lei que dizem reger um povo que se chama catholico, em um paiz que se chama civilizado!

Em Lisboa e Porto estes factos repetem-se quotidianamente. Na ilha da Madeira, em uma cidade que prima pela hospitalidade e pela delicadesa de seus habitantes, este deploravel exemplo tem já encontrado imitadores. Acaba de ser insultado um ecclesiastico, capellão de uma embarcação franceza, que atravessava as ruas da cidade. Os insultadores que o apupavam não eram a relé da canalha, eram o *high-life* d'ella, eram os *livres pensadores* da terra!

FOLHETIM

JOSÉ DE SEABRA DA SILVA

(Continuado do n.º 17)

(CONCLUSÃO)

Quando José de Seabra chegou a Lisboa, de volta do seu segredo, foi entusiasticamente recebido, vindo acompanhado até sua casa de S. Sebastião da Pedreira, por uma grande multidão de gente, de todas as classes, incluindo grande numero de pessoas da primeira nobreza da corte.

Em 15 de maio de 1779, foi agraciado com a commenda de Christo, de Oliveira de Azemeis.

Em 12 de janeiro de 1784, foi nomeado presidente da junta do código, em substituição do 1.º marquez de Ponte do Lima.

Em 15 de dezembro de 1788, foi feito ministro do reino.

O principe de D. João e os do seu partido, sustentaram que D. Maria I estava atacada de uma doença mental, incuravel, e que, por tanto, devia aquelle seu filho proclamar-se

E tem a ousadia de se chamarem livres pensadores esta corja, este vulgacho mal creado e supinamente ignorante e selvagem!

Livres pensadores! esta gentalha que não admite que alguém pense de modo diferente ao seu! Livres pensadores! estes miseros, que pretendem educar um povo, e que não sabem sequer, como é do dever da gente medianamente civilizada, receber em sua casa quem a ella vae!! Livres pensadores! estes gatunos das consciencias, que assaltam as crencas e a fé, como podem assaltar uma algebeira! Livres pensadores! estas insignificancias, estas alimpaduras sociais, estas borras canhoeraticas, que descem do alto da sua philosophia para se fixarem em um chapéo de longas abas, ou na sotaina de um homem que passa, d'um cidadão que passeia e respira o ar que é de todos!

Quem pode fazer do verme uma agnia? Quem pode pedir á planta apodrecida uma flor, um fructo perfeito? São o que são. Lançados ao canno de esgoto, vão-se precipitando aqui e acolá, e onde estão, ahí se mostram, nauseabundos, repellentes, intolleraveis!

Se é isto a *idéa nova*, são espertos estes apóstolos, que a tornam horrenda, monstruosa, selvagem, abominavel, incompativel com o ser social e com a dignidade humana!

A *idéa nova*, assim é a altivez da ignorancia, a soberba da grosseria, a rusticidade da villania, a inhurbanidade levada ao gráo de intollerancia despótica.

É com este ser horrendo que se pretende constituir um estado n'outro estado.

O que hoje se faz contra o clero, ha-de fazer-se amanhã contra a auctoridade e contra o chefe do Estado. Quando a pedrada e o apupo tomarem as proporções do bacamarte e do punhal, o réo será o governo, que deixa impunemente converter-se uma geração de brutos em uma guerrilha de secestrados. A educação liberal produzio os primeiros, a relaxação dos governos produzirá os segundos.

Protestem como quizerem, a verdade é como a luz do sol. Onde se encontra mais aggrupada a *idéa nova* dos apupos, é á porta dos lyceos, á porta das escolas superiores, por onde impunemente não passa a honestidade e a virtude, quer ella vá sob a sêla de um vestido, quer sob a alpaca de uma batina ou sob a estampanha de um habito.— E ali o quartel general do novo bando, que vem de ouvir da cadeira dos professores preleções atheistas, e vae para o meio da rua mostrar o que aprendeu; e vae para os comícios, para as chafaricas corromper a classe operaria com o doce-ve-

nenoso dos palavões de estufa, transformar-lhe n'alma os instinctos do generoso e do bom, os sentimentos do patriotismo e de amor de Deus, que são apanagio do nosso povo.

Em muitos paizes a classe operaria tem reagido contra os que a querem perverter, instituindo associações de resistencia ás adulações dos partidos revolucionarios.

N'esses paizes comprehende-se que nada ha mais contrario ao desenvolvimento da industria e aos interesses das classes operarias, do que a desordem que pode vir-lhes do manejo d'essas facções especuladoras que se aferram ás classes laboriosas como a uma alavanca. Em Portugal, onde ainda não houve a triste experiencia do *homem pavio* com que em Cartagena e Alcoy a revolução illuminou, a sua bandeira, ha a negligencia das victimas descuidosas, que deixam sangrar-se e envenenar-se, por que não sentem nem a anemia nem a morte, que lhes trazem estes mentecaptos da politica, estes fatuos estolidos, estes lunaticos temerarios, estes maltrapilhos da sciencia social.

Não pode uma nação estar á mercê dos caprichos da loucura, que vão asoberbandando todas as conveniencias, e calcando a pés até o direito das gentes. Já nada falta para que seja necessario cada qual sair de casa de revolver na algebeira, para se defender da matilha que nos ataca em toda a parte. Para estes não descobre a auctoridade o *bóllo canalhocida*, o que nos faz desejar a restitução das palmatorias, e um latêgo em cada casa de guarda.

Diz o nosso povo que o demonio fogue do *Signal da Cruz*. Estes filhos de Satanaz são peiores do que o pae: atacam aos que se persignam! Pode acontecer que um dia o povo, cansado de soffrer, exorcise o demonio com o lenho santo, e estes canibaes com o lenho fueiro.

Para que não cheguemos a essa extremidade, bom será que o governo e a auctoridade cumpram com o seu dever, já que lhes cabe a missão de garantir os direitos de todos, e de conservar a este paiz os titulos honrosos que lhe competem.

Pedimos providencias severas ao governo, em nome da moral, em nome da ordem, em nome da lei, em nome da dignidade; aliás, se a todos chegar o desgano de que não é escutado um clamor, que significa a irritabilidade da nação séria contra os desmandos subversivos da canalha desenfreada, um por todos e todos por um, ensinaremos ao poder e aos miseraveis infamadores do nosso nome, como é que um paiz se de-

molestia do ex-ministro, e do pouco sadio sitio do Canal.

Em 1807 Junnot, sabendo que José de Seabra estava no desgado da corte (ou, pelo menos, do principe regente) o convidou para ministro do interior, ao que Seabra—já então octogenario—se recusou, como bom portuguez.

A 5 de fevereiro de 1808, se instaurou, em Lisboa, a *sociedade restauradora*, por diligencias de Seabra, sendo dos primeiros que a formaram, os seus dois filhos—unicos—o primogenito, que era visconde da Bahia, desde 13 de maio de 1796; e seu irmão, Antonio Coutinho de Seabra.

Estes dois filhos sentaram praça no exercito portuguez, combatendo sempre e com distincção, em defeza da sua patria, e como seu pai, em razão da sua provecção idade e padecimentos, não podia fazer parte do exercito libertador, offereceu ao estado, em quanto durasse a guerra contra os francezes, os rendimentos das commendas da casa da Bahia (3:000\$000 reis annuaes), e elle e seus filhos deram ao exercito real muitos fardamentos e, por muitas varias vezes, cavallos para a cavalaria, e muars para a artilheria (só de uma vez lhe deram 30 e tan-

fende; pois a nação e o povo não são uns centos de peralvilhos, pedantemente insubordinados.

É tempo de se olhar seriamente para isto, enquanto se não esgota a paciencia publica.

Se se dirigem ao povo porque o julgam capaz de abraçar as suas utopias, e servir-lhes de instrumento a seus crimes, não podem recusar-lhe o reconhecimento da sua força. Pois bem, essa força empregar-se-ha na manutenção da ordem, que carecemos para nosso interesse e tranquillidade, embora seja necessario alcançá-la com as armas na mão.

Se não ha quem faça justiça ao povo, elle fará por suas mãos, quando se desenganar de que o desprezam, tanto para o attendere, quanto o vexam para o esfolarem em beneficio das suas orgias, e o desvairam em proveito das suas ambições.

Nas capitães distrahe-se a attenção publica com quaesquer *botas de cartiga*, uma palhaçada, uma pombalada, uns foguetes pela *carta*, uns hymnos pagos ás philarmônicas de toiradas; mas cá pelas nossas provincias a atmosphera é outra.

Não nos deem importancia, e venham depois pedir-nos suffragios e *vivas* aos seus homens grandes, quando lhes aprouver passarem pelos nossos montes, e gosar da pureza do nosso clima.

Cremos como certo que a indifferença publica ha-de responder a esse appello, se antes não for outro o nosso modo de proceder.

O FUTURO

Um partido que aspira é, e deve ser, uma idéa que não pára.

O poder inexoravel do tempo, transformando a face das coisas, marca de continuo novos horizontes ao espirito humano, e n'este succeder ininterrompido dos factos, novas fazes e novas exigencias pesam sobre as sociedades.

Eis por que as reconstrucções politicas são tanto mais exigidas pelas epochas quanto os povos carecem, de continuo, de novos elementos de vida moral.

De nova semente novos fructos, aliás a produção degenerará até se extinguir.

O passado absorveu, em sua profunda garganta, tudo quanto estava preso ao seu modo de ser.

O presente constitue novos alicerces para a vida do porvir, e esse porvir tem

tos) além de outros valiosos donativos (2).

Seu filho Antonio, já senhor de varios prasos, forneceu, á sua custa, e abundantemente, a nau *Martim de Freitas*. Depois, marchou para Traz os Montes a unir-se ás tropas leaes do benemerito general Silveira (depois 1.º conde de Amarante, e pai do intrépido e fidelissimo general, 2.º conde de Amarante, e 1.º marquez de Chaves.) Antonio Coutinho de Seabra obrou, n'esta gloriosa campanha, prodigios de valor, e serviu de ajudante general de Silveira, havendo assistido ás homericas batalhas da Roliça e do Vimeiro. Sendo capitão do bravissimo regimento de infantaria n.º 8, morreu gloriosamente, na batalha do Bussaco, a 27 de setembro de 1810.

O tenente coronel Douglas, commandante de infantaria n.º 8, dando parte da morte d'este bravo portuguez, faz os devidos elogios ao seu valor, e diz que elle morreu á frente da sua companhia.

(2) José de Seabra, além dos rendimentos dos morgados do Canal, no concelho da Figueira, deu depois, para as despezas da guerra, todos os rendimentos da sua grande casa, nas dnas Beiras, Extremadura e Alentejo.

forçosamente de attingir o seu fim natural.

Isto é tão exacto, como é justo a todas as opiniões o pensamento, a ambição de ver triumphantes os principios que abraçam.

Para todos os partidos o futuro é um norte esperançoso.

No meio dos partidos, a legitimidade, vive abraçada á sua bandeira, honrada de suas tradições, presequente sempre, e sempre ufana do que foi e do que é.

Patenteia a sua historia para que a leia a critica desapassionada. O que lhe resulta é sempre uma gloria, para si e para a patria.

Erros teve o partido legitimista. Teve-os, e não os teve pequenos. Já não são de hoje os homens que os praticaram; se o fossem, teriam tanta hombridade e tanta consciencia para o confessarem, como nós temos de imparcialidade para apreciar a historia como ella o deve ser.

Venha porem o primeiro partido que possa atirar-nos a pedra.

Errámos, é certo. O passado havia-nos legado tambem males que não tivemos tempo nem possibilidade de remediar.

Uma situação, de todo o ponto excepcional, obstu ás reformas exigidas já então pelas circumstancias do paiz.

Se a critica da historia é justa em nos accusar, deve-o ser tambem em nos attenuar muitas culpas, levando-as na sua mór parte a alheias responsabilidades.

Teve erros o partido legitimista; mas esses erros não provieram nem da sua indole nem de falta de patriotismo. Teve traidores que depois de suas insidias o abandonaram, e máos conselheiros, cujos erros largamente espiriam.—De uns e de outros só resta uma pungente memoria.

O que existe no partido legitimista é uma nova geração, fiel aos principios de nossos maiores, sem a responsabilidade dos erros de hontem, zelosa de conservar um nome immaculado, e de converter esses erros, cujo remedio tem aprendido ha 50 annos na historia dos outros partidos, em beneficios para o futuro d'este paiz de sobejo decadente.

E se os erros do passado deram á revolução os elementos de que se soccorreu para triumphar, os erros da revolução tem largamente preparado o campo dos triumphos para a restauração do partido legitimista.

A substituição da actual face da politica está forçosa e fatalmente marcada no futuro pelo poder natural das coisas.

A licença, o desemfreamento dos partidos novos, a decadencia moral dos partidos que se substituem no poder, como em um circulo vicioso, o indifferentismo popular, a orgia em que vive a alta politica, tem de produzir, mais dia menos dia, os seus resultados necessarios.

Perto ou distante, quer seja que a nação baja de surgir do cabos politico onde a tenha lançado a vertigem da revolução mais sanguinaria e doudejante, ou seja por que de definhamento em definhamento tenha chegado ao fundo do abysmo, em que a estão precipitando os partidos de hoje, a legitimidade está destinada a ser a taboa de salvação no grande naufragio d'este povo malfadado.

Seria necessaria uma grande miopia politica para não ver que é este o caminho natural dos acontecimentos, e que n'este caminho se tem já andado muito.

Nenhum partido, no remanso da consciencia, olhando para os factos, deixa de ver no partido legitimista uma garantia para a patria.

Só quem não vê assim as coisas, é a politica pequenina, que pensa e vê e sente e obra pela acção apparente dos astros de que é satellite.

Os partidos que ora de baixo, ora de cima se revesam no poder, estão gastos, cansados, sem prestigio e sem esperanza.

Os partidos mais novos hão de seguir a sorte de quantos com os mesmos defeitos de origem, se tem lançado ás luctas em outros paizes, nossos irmãos na idole e na educação.

O que resta d'esta exclusão, racional e necessariamente é a bandeira branca, hasteada nos baluartes onde se tem a fé de Deus e o amor da patria.

A bandeira branca, estandarte da nação, e não simples bandeira de um partido.

A bandeira branca, que não symbolisa os erros d'outr'ora, mas que exprime as glorias do passado, e as aspirações louvaveis e patrioticas do partido legitimista.

A bandeira branca que diz a todos: «União e esquecimento.»

Bandeira de paz, pura de toda a macula como a nossa honra e o nosso nome.

Bandeira de reconciliação que chama a todos os filhos d'esta patria n'um abraço de paz.

Bandeira de sã liberdade que significa o caminhar da civilização, agora como d'antes, como outr'ora ao seu influxo fomos adeante de todos os povos conquistando poderio e glorias para o povo portuguez, no engrandecimento da nossa coroa, e no interesse das sciencias e das artes patrias; no progresso dos mais uteis conhecimentos em beneficio de humanidade; ensinando assim o nome portuguez a todos os povos do mundo.

Este é e será sempre o pensamento do partido legitimista. E' com este fim que trabalha; desenganem-se d'isto os que nos atribuem preconceitos que não temos, e fins que longe de desejarmos, repelimos com toda a força de nossas convicções.

AINDA O EX.^{mo} SR. NUNCIO

Disseram-nos os nossos correspondentes de Braga, e vimos confirmado pelos jornaes d'aquella cidade, que o Ex.^{mo} Sr. Nuncio Apostolico fora ali recebido com as mais significativas provas de respeito e amizade.

Graças a Deus, a fiel Braga tem sabido conservar o verdadeiro espirito portuguez, atravez cincoenta annos de revolução. Ali ainda o catholico se não envergonha de o ser; ali ainda a força dos fieis é tal que as manifestações religiosas atravessam a cidade, sem que haja quem ouse insultal-as, e tomando parte n'ellas, com pequena excepção todo o povo bracarense.

Honra á fiel Braga.

Não podia esta cidade deixar de receber como recebeu o Ex.^{mo} Nuncio Apostolico: são em extremo attrahentes as maneiras de Sua Ex.^a, misturando a mais pronunciada delicadeza com expressão de bondade, que se lhe lê no rosto, e Braga não podia deixar de apreciar taes qualidades; mas diga-se a verdade, embora Sua Ex.^a tenha um *jus* proprio, um *jus* pessoal a todas as manifestações de respeito e amizade, Braga aproveitou gostosa a occasião de dar uma nova manifestação de respeito e amor filial ao grande vulto, que hoje, por graça de Deus, preside á Igreja; Braga saudava no Representante a Sagrada Pessoa do Representante, exultando de poder na presença do respeitavel Monsenhor Aloisi dar provas de adhesão á Igreja do mais profundo respeito a Leão XIII.

E nós, que ao profundo desgosto, que nos vae n'alma pelo que Sua Ex.^a Rev.^{ma} tem soffrido na capital do reino outr'ora fidelissimo, unimos a vergonha que nos resulta de ver desacatado, dentro da nossa cidade, quem tem tantos direitos ao respeito publico, folgamos e folgamos muito de que o Representante de Leão XIII fosse a Braga certificar-se de que nem todos os portuguezes estão corrompidos.

Alli tem sido menos efficaz a acção revolucionaria, prova-o a peregrinação ao Samedio em desaggravo aos insultos que Deus, no mesmo dia e á mesma hora, recebia em diferentes pontos de Portugal; prova-o o modo como os bracarenses receberam o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Nuncio Apostolico.

Nós desejaríamos ter podido n'aquelle dia mudar para Braga a nossa residencia; que-riamos ter a honra de tomar logar ao lado dos fieis bracarenses, e unindo a nossa humilde voz ás de tantos fieis gritar com elles:

VIVA O SANTISSIMO PADRE LEÃO XIII.
VIVA O EX.^{mo} SR. ARCEBISPO DE NECESAREIA, NUNCIO APOSTOLICO EM PORTUGAL.
Da (Nação.)

RELIGIÃO

MOYSÉS

Apascentava elle os rebanhos de seu sogro na raiz do monte Horeb, quando viu ardêr fogo n'uma sarça que se não consumia. Querendo certificar-se do prodigio, aproximou-se e ouviu do meio das chammaes esta voz pavorosa: «Moysés, Moysés, não te chegues mais para aqui e tira o calçado de teus pés, porque este logar é sancto. Eu sou o Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob. Onvi os clamores do meu povo; a sua afflicção e as suas queixas chegaram aos meus ouvidos; eu os livrarei d'aquella escravidão e os conduzirei a terras espa-

cosas e ferteis onde correm os rios de leite e mel. Vae, reúne os principaes de Israel e diz ao pharaó que deixe saber o meu povo a fazer-me um sacrificio no deserto.»— Senhor, respondeu Moysés, eu direi ao povo o que ordena o Deus de seus paes, mas se alguem me perguntar que nome tem esse Deus, que lhe direi?—Simplesmente estas palavras «Elle é o que é» (a) lhe dirás.—Mas tornou Moysés, elles não me acreditarão e dirão: Deus não te appareceu. Immediatamente dous milagres operados pelo Senhor— a vara de Moysés transformada em serpente e a sua mão subitamente coberta de lepra e logo depois tornada semelhante á de mais carne, lhe mostraram como triumpharia da incredulidade. No entanto manifestou receio da sua falta de eloquencia, mas «quem deu a boca ao homem, lhe disse o Eterno quem formou o mudo e o surdo, o que vê e o que é cego, não fui eu? Não receies pois, eu te abrirei a boca e te ensinarei o que deverás fazer.» Moysés ainda instou para que enviasse outro, mas o Senhor como enfadado, lhe respondeu: «Não tens teu irmão Aarão? Envia-o-hei ao teu caminho; elle será a tua voz e tu serás o seu pensamento.»

Desappareceu a visão e Moysés ficou absorto em profundos pensamentos! Quantas vezes tinha elle pensado na solidão, escola dos fortes, em libertar seus irmãos e fazer d'elles um povo celebre entre as nações? Agora Deus vinha ao encontro dos seus mais vehementes desejos, mas reconhecia a sua insufficiencia para tão altos destinos. Lembra-se de que, para effectuar a sua empresa, tinha a lutar ao mesmo tempo contra o formidavel poder dos seus inimigos e a indifferença dos seus. No entanto era preciso obedecer ás ordens do Eterno e por isso dirigiu-se para casa de seu sogro de quem se despediu sem lhe communicar o verdadeiro motivo da sua partida. No caminho encontrou, segundo a voz divina, a seu irmão, e lá se encaminharão ambos para o Egypto, sósnhos, sem força material, mas resolutos a chamar á vida um povo que ainda não existia. Logo que ali chegaram, convocaram os mais influentes d'Israel, exposeram-lhes os antigos soffrimentos, aos novos perigos que os ameaçavam, e a esperanza da liberdade que Deus lhes prometia. Que tinham suprema necessidade de se emancipar de tam pesado jugo, todos concordavam, ao recordarem-se pelas palavras dos dois enviados, das tradições felizes do passado e do estado lastimoso do presente, mas viriam elles da parte de Deus? Muitos, cujos corações a larga escravidão havia enervado e o exemplo introduzido em praticas supersticiosas, duvidaram, mas Moysés desvaneceu-lhes; esta duvida, provando a divindade da sua missão por meio de milagres. O povo comprehendeu então que Deus se havia condoído dos seus soffrimentos, que era chegada a hora da sua redempção; e, prostrado por terra adorou. Aquelle que se dignára lançar sobre elle um olhar favoravel.

Então os dois irmãos, certos do concurso dos seus compatriotas, apresentaram-se com desassombro ao pharaó e lhe disseram: «eis o que disse o Deus d'Israel: deixa ir o meu povo para que me faça um sacrificio no deserto.» O rei respondeu: não: conheço o vosso Deus e não farei o que pediz. Porque antaes a desviar o povo dos seus trabalhos? E chamando os seus intendentes, reprehendeu-os, dizendo-lhes: «os hebreus não tem em que se occupem, senão não se lembrariam de aventuras. Sobre carregae-os com trabalho para que não dêm ouvidos a palavras mentirosas.»

Debalde reclamaram os israelitas contra este excesso de vexames; o governo não attendeu ás suas queixas. Vieram então ter com os dois caudilhos e disseram-lhes: «Chamamos ao Senhor por testemunha da nossa miseria e seja elle o juiz do que dizemos. Vós haveis accendido contra nós a ira do rei e dos seus ministros; mettestes-lhes na mão a espada para nos matarem.» Moysés depois de ter recebido esta triste mensagem elevou o pensamento ao Deus que o enviara e exclamou: «Senhor, por que affligis o vosso povo? porque me enviaste?—Agora o verás, respondeu o Eter-

(a) Se Deus é o que é, tem por essencia o ser; e se de si mesmo tem existencia, existe necessariamente e de si mesmo é um ente absoluto, independente e perfeitoissimo. Porque, tendo elle de si mesmo a existencia, quem lhe havia de limitar as perfeições. E esta a melhor das definições que se podem dar sobre Deus, na opinião de S. João Damasceno.

no, o proprio pharaó, forçado pela minha mão poderosa ha-de dar liberdade aos hebreus; eu estenderei o meu braço sobre o Egypto e então sabereis que eu sou o Eterno, vosso Deus, que vos fará sair da terra da escravidão para vos conduzir á terra promettida aos vossos antepassados.»

No entanto pharaó obstinava-se na sua recusa, e forão precisos milagres terriveis para quebrar o seu orgulho e a sua confiança. Primeiro Aarão lançou por terra a sua vara em presença de toda a córte e ella converteu-se em serpente. O rei mandou chamar os magos e estes conseguirão imitar com seus segredos este prodigio, com o que o coração do monarcha mais se endureceu: mas a serpente de Aarão devorou a que os magos tinham formado. Depois o mesmo Aarão estendeu a sua vara sobre o Nilo e as aguas do rio mudaram-se em sangue, morrendo todos os peixes—milagre que foi tambem reproduzido pelos magos e por tanto não produziu effeito. Tanto um como outro mostram a que grau elevado tinham chegado as sciencias naturaes entre estes povos orientaes. Passados sete dias, ameaçou Aarão com cobrir o Egypto de rãs, e ellas sahirão em quantidade innumeravel das aguas tornadas fetidas. Pediu pharaó a Moysés para que rogasse a Deus que o livrasse d'aquella praga, promettendo deixar sahir o povo. Moysés fez uma oração e no mesmo instante morreram todas as rãs e em toda a terra do Egypto.

Apenas porém o rei se viu livre d'este flagello, voltou com a palavra atrás e continuou no mesmo endurecimento. Então Aarão feriu com a sua vara o pó da terra e appareceram myriades de mosquitos que se lançaram sobre os homens e sobre os animaes. Intentaram os magicos fazer a mesma coisa, mas não o poderam fazer e confessaram que «o dedo de Deus era o que obrava ali.»

Mas o coração de pharaó se empederniu e não quiz obedecer ao que o Senhor lhe tinha ordenado. No dia seguinte nuvens de insectos toldaram o ar e devoraram as colheitas; só a terra de Gessen, habitada por Israel foi preservada d'este flagello. (b) O pharaó espantado com este novo successo pareceu então vencido e disse a Moysés: «Ide sacrificar ao vosso Deus, mas fazei-o sem sair do reino.—Não pôde ser assim respondeu este; porque viremos a fazer sacrificios ao Senhor, nosso Deus, com o que os egypcios tem por uma abominação. Se o vosso povo visse que immolavamos os seus deuses, nos apedrejaria.—Ide, pois, mas não vos alongueis muito para o interior do deserto e rogae por mim.» Moysés fez oração ao Senhor e o flagello desappareceu; mas o coração do rei impederniu-se de novo e retirou a sua promessa. Então declarou-se uma mortalidade terrivel entre os animaes domesticos dos egypcios, emquanto que dos israelitas não perecia um. Pharaó foi informado d'esta calamidade, mas nem porisso se commoveu. Moysés tomou ainda um punhado de cinza e lançou-o ao ar, e os homens e os animaes viram-se cobertos de ulceras em todo o paiz, mas tudo foi de balde, porque o coração do rei não se abrandou.

O flagello da pedra foi então annunciado, e no dia seguinte, tendo Moysés levantado a mão para o ceu, estalou uma horivel tempestade que arrancou as arvores, destruiu as colheitas, matou os animaes que se achavam fóra, não caindo no paiz de Gessen uma só pedra. Pharaó pediu de novo a Moysés que rogasse a Deus por elle e pela sua nação, promettendo deixar sair os israelitas. Intimidado porém para cumprir a sua palavra, perguntou: Mas quaes são os que hão-de ir.—Havemos de ir todos, respondeu Moysés, com nossas mulheres, crianças, velhos e rebanhos.—E quem me diz a mim que n'isto não leveas algum mau sentido? Vão sómente os homens.» E no mesmo ponto o mandou lançar fóra da sua presença. Em vista d'esta teimosia um novo flagello não se fez esperar. Nuvens compactas de gafanhotos, impellidos por um vento ardente e impetuoso, cairam sobre o Egypto e devoraram a herva da terra e os fructos das arvores. E a esta desgraça succederam durante tres dias trevas tão espessas que, diz a Biblia, se podiam apalpar. O rei já consentia que os hebreus partissem com a condição de deixarem os seus rebanhos, mas Moysés oppoz que os havia de levar comsigo sem ficar uma só unha, porque precisava d'elles para os sacrificios.

Augusto Semblano.

COMMUNICADO

Srs. redactores da Cruz e a Espada.

Com a maior satisfação e regosijo, communicamos a essa illustre redacção, que nos constituimos em commissão, os abaixo assignados, para lhes offerermos uma medallha d'ouro com os emblemas da Cruz e a Espada—em alto relevo e cravados de perolas—para d'este modo lhes significarmos, o nosso preito de homenagem e respeito pelo modo digno e cavalheiresco como essa redacção se houve perante a commissão d'alguns estudantes do Lyceu d'esta cidade, que exigiam uma reparação motivada pela engraçada local a—*esturdia*, publicada no n.º 16 do seu muito acreditado jornal.

E' nos sempre grato prestar homenagem á honra e dignidade, e principalmente quando a imprensa catholica e legitimista verga sob o pezo da imprensa impia e desbragada, levando na sua torrente devastadora a nossa mocidade a praticar actos e a representar scenas, como aquella a que nos referimos.

As tendencias da época, sr. redactor, bahadas na luz do petrolio, tem d'estas manias, quando encontra craneos deveis, como os da nossa estudantada, que se inflammam sempre ao som da *Marselheza*.

Receba pois, essa illustrada redacção os nossos sinceros parabens pelo seu brilhante modo de proceder e esperamos nos aceite a nossa humilde offerta.

Braga 23 de Maio de 1882.

A COMMISSÃO,

Venancio José da Silva Rego,
José Antonio Alves,
Joaquim da Silva Gonçalves,
Antonio Jose da Silva Mello,
Domingos José d'Oliveira,
Boaventura Augusto Mendes.

SUBIU AO CÉO!

(Á memoria de meu sobrinho Luiz Maria, filho do Commandador José Antonio Vieira Marques, em testemunho de sincera amizade.)

Bateu as azas—voou,
Deixando-nos a saudade,
Porque foi á immensidade
Aonde Deus o chamou.

Se alguém sua ausencia chora,
Uma ideia estanque o pranto:
Subiu ao supremo encanto
Da celeste e doce aurora.

Havia no rosto seu
Os sorrisos da ventura?
Pois pede agora n'altura...
Para nós o bem do Céu.

Fugiste! voastes á mansão dos justos!
Qu' importa a vida na tua idade?
Praza aos Ceus, os que me são caros,
Comtigo gosem a eterna felicidade!

20 de Maio de 1882.

Manoel Ramos Monteiro

EXTRACTO DA SESSÃO CAMARARIA

DE 19 MAIO DE 1882

A saber:

Foi posto em praça a arrematação da resto dos materiaes da casa expropriado no largo de S. João do Souto, e retirada por falta de licitantes.

Requerimento de D. Angelica Vasconcellos Pimentel, do campo das carvalheiras, pedindo para vedar uma porção de um terreno que possui, e obteve da camara a titulo de alinhamento, limitando a vedação a uma grade de ferro—Deferido.

Outro das Juntas de parochia de Frossos, Semelhe e Parada, para a criação de uma escola.—A informar á junta escolar.

Outro de Manuel José Gabriel Reis, parcho de S. Vicente de Penso, pedindo a nomeação de professor interino, por fallecimento do respectivo.—A informar á Junta escolar.

Outro de Constantino Lopes, José Lopes e Antonio Villa Real, pedindo consentimento para profundarem a ribeira d'Este e estabelecerem um barco de recreio, com taxa

applicavel á irmandade de S. João da Ponte.—Deferido.

Outro de Izabel Maria, viuva de um cantoneiro, assassinado, João Chrysostomo, pedindo alguns vencimentos.—Indeferido.

Outro de Antonio José Gomes Braga, da freguezia de Gualtar, para estabelecer uma torneira, á sua custa, na fonte publica da sua quinta de Morouço.—Deferido.

Outro de Fernando Victor das Neves Pereira, sub-inspector de incendios para ser provido na vaga do inspector.—Indeferido por preenchida.

Outro de Custodio Santos, pedindo para estender madeira a seccar, encostada ás grades do Jardim. Concedida para o fazer nos terrenos da camara, na Cangosta dos Congregados, pagando 25 reis por cada metro quadrado.

Outro dos moradores da rua dos Chãos pedindo a passagem dos carros na mesma rua.—Indeferido.

A Camara de Evora pediu o regulamento do cemiterio publico.—Satisfeito.

O administrador do concelho pediu a substituição dos mancebos do recrutamento de 81, constante da relação qua acompanhava o pedido.—Mandou-se satisfazer.

A camara de Caminha pediu um exemplar do Codigo de posturas—Satisfeito.

Requerimento do professor de Sobrepostas pedindo o provimento na eschola allí estabelecida, por ter terminado o prazo—A informar á junta escolar.

Foi demittido o sub-inspector dos incendios F. Victor das N. Pereira.

Determinou que se proceda ao relaxe de todos os devedores de contribuições indirectas, que de presente, e depois de avisados, não justificassem seus debitos, e os que de futuro se collocarem em eguaes circunstancias.

Foi communicado pelo empresario do Circo dos Cavallinhos que desde o dia 18 fica occupado o terreno com o respectivo circo—Juteirado.

Ordenou-se o pagamento de differentes contas.

NOTICIARIO

A. Folha Nova.

A REDACÇÃO DA CRUZ E A ESPADA,

penhorada pela característica delicadeza das expressões, que lhe dirige

agradeço

O papão.—As crianças assustaram-se, e fazendo-se ao largo, zás, pedrada velha. Estranhámos semelhante modo de proceder, porque os tinhamos tratado com todo o modo e carinho, desfolhando até rosas no nosso escriptorio para os encantar e prender com seu aroma atractivo. Mas não; depois que se foram, e nos deram o ultimo adeus, principiaram a cantar a *maria cachucha* e montaram-se logo a cavallo no lombo da *Bicha de sete cabeças*, que os beijou com todo afago proprio de quem os queria engolir de um só jacto. Pobres crianças, melhor fôra em lugar de vos dar-mos duas nozes, ter-vos offerecido um amor perfeito para a casa do frack.

A *bicha*, que tinha sentido o pezo do nosso tacão na ponta do rabo, estorceu-se soltando um silvo medonho, como quem pretendia cravar nos o ferrão, defendendo assim os meninos que se lhe lançaram aos pés.

Descancem pequerruchos que nós não somos tão feios como nos fazem. Não é verdade?

José de Seabra da Silva.—O nosso folhetim com o titulo d'esta epigraphe, é devido á penna do eminente escriptor e historiador o Ex.º Sr. Pinho Leal, e o transcrevemos do excellente jornal a *Ordem*.

Pinho Leal.—Este notavel escriptor, uma das mais notaveis glorias da nossa época, pela erudição, verdade e pureza de linguagem nos seus escriptos, deixa um nome immorredouro, no seu dictionario —*Portugal Antigo e Moderno*—aonde se encontram com a maior lucidez narrados os verdadeiros factos da nossa historia patria; esteve doente desde março até ao presente, e, graças a Deus, entrou ultimamente no seu estado convalescente: do intimo da alma lhe apeteçemos melhoras completas.

S. Ex.º pois, tem honrado com a sua pena as columnas do nosso jornal, e por causa de sua molestia, deixou n'esta occasião de nos

coadjuvar na lucta travada com a imprensa impia, apologista do centenario *maçonico*.

Felicitemos a S. Ex.º pelas suas melhoras.

Romaria do Espirito Santo.—É amanhã a romaria mais notavel que se costuma fazer no Minho: a concorrência deve ser grande, se o tempo o permittir. No Sanctuario do Bom Jesus do Monte ha confesores para os romeiros e á noite illuminação, musicas e fogo. O tempo parece querer mudar de face.

Na Sé o Ex.º e Rev.º Sr. Arcebispo Primaz, administra o sacramento da confirmação.

Theologia Fundamental.—Debaixo d'este titulo recebemos e cordealmente agradecemos um exemplar de prelecções da verdadeira doutrina ensinada pela Igreja, obra primorosa do Ex.º Dr. Manoel de Albuquerque, illustradissimo professor no seminario conciliar d'esta cidade.

E' este brilhante compendio de verdades dogmaticas, tradicionaes e historicas dedicado ao muito digno prelado d'esta archidiocese.

É sem duvida o livro, que acabamos de receber, uma clara demonstração do talento que engrandece o seu illustrado auctor.

Se o fim da sua publicidade é para mais esclarecer o corpo escolastico no caminho glorioso do saber, bom seria que os espiritos fortes, filiados na perversidade do seculo presente, abrissem os olhos ás claras e puras verdades, quando devêras se entregassem á leitura assidua de tão util e proveitoso livro. Gratos seremos pois a tão delicada offerta.

Festividade.—No domingo passado 21 do corrente, festejou-se com toda a pompa na freguezia de Ballazar, a imagem de Nossa Senhora da Soledade, havendo missa cantada, Senhor exposto e sermão. A imagem da Senhora foi adornada com vestidos novos e de ricos setins, tudo devido ao insensavel zelo do sr. José Bernardo da Cunha, cavalheiro prestavel e bem quisto proprietario d'aquella freguezia, aonde conta muitos amigos.

Foi na verdade uma linda festividade, e talvez uma das melhores que se tem feito n'aquella freguezia e circunvisinbas. Honra lhe seja.

A escola, asylo e hospital do visconde de S. Bento em Santo Thyrsó.—Recebemos este folheto, da sessão do auto de posse do mosteiro de S. Bento. Agradecemos tão bella offerta.

Mons. Pinto Homem.—Em Santarem finou-se este santo varão, sacerdote de grande illustração, virtude e santidade. Era reitor do seminario diocesano.

S. Ex.º escreveu-nos por occasião da recepção do 1.º n.º do nosso jornal, animando-nos na ardua tarefa que havia-mos encetado. S. Ex.º já presentia abeirar-se do tumulo, segundo algumas expressões ali axaradas. Sentimos do coração o passamento de tão virtuoso e santo sacerdote.

Pedimos aos nossos leitores que suffraguem a sua alma.

A toda a sua illustre familia enviamos os mais sentidos pezames.

Vivas... sem sal.—Ha dias uns bebados foram ás 2 horas da noite dar vivas á republica em frente da guarda do palacio da Ajuda, retirando-se depois... na melhor ordem.

Medida politica.—A auctoridade policial de Lisboa acaba de prohibir que seja tocada a *Marselheza*.

Parabens.—Damol-os ao sr. José Bernardo da Cunha, pelo exame que seu filho, Manoel Joaquim da Cunha, fez do 1.º anno de theologia.

Peregrinação.—A peregrinação dos bracarenses ao Sameiro, no dia 8 de maio foi magestosa e imponente, desagravando assaz energeticamente, pela sua parte, o satânico conciliabulo pombaleiro que a grei infernal da maçonaria quiz celebrar n'aquelle dia, que agora fica celeberramente memoravel.

Canticos á VIRGEM ramalhetes de flores bandeiras, emblemas, um entusiasmo, emfim, verdadeiramente religioso, animando cerca de 4:000 pessoas foi tudo até aos pés da VIRGEM rogar lhe que implore de seu Divino Filho o perdão de crimes, que ha cem annos se commetteram, a purificação do saugue feito correr a jorros, e a misericordia divina para offensas, que, cem annos depois d'aquellas hecatombes, se levantam arrojadas e atrevidas contra a sublime religião de nossos maiores.

Salve, Braga augusta, nobre emula da Roma catholica! Avante, por Deus e pela sua relegião sancta!

(Do nosso collega Affonso Henriques.)

Apresentação.—Foi apresentado na Igreja parochial de S. Salvador de Novaes, na Povoia de Varzim o reverendo padre José Machado Villela, sacerdote muito digno, e cavalheiro estimabilissimo.

Outra.—Foi apresentado na Igreja de S. Salvador de Touguinhó, em Villa do Conde, o reverendo Antonio da Costa Torres. Folgamos com tão merecido despacho.

Fallecimento.—Na 4.ª feira pelas 10 horas da noite, falleceu quasi repentinamente na casa do sr. Antonio Joaquim de Araujo Corrêa, negociante da rua dos Capellistas, d'esta cidade, o Rev.º Gaspar José de Sepulveda, abade na freguezia de Crespos.

O finado era irmão do Ex.º Sr. Dr. João Antonio de Sepulveda Conservador em Villa Verde, e advogado distincto.

Envia-mos a toda a familia do finado os nossos sentidos pezames.

Começa.—Na Catalunha appareceu ha dias um bando de 80 homens armados, dando o grito de *viva a Catalunha independente*.

Ao que parece é o inicio de um movimento republicano de que ha tempo se arreceia n'aquella parte do reino visinho. O governo mandou tropa em perseguição d'este bando; não obstante dizem os jornaes que pouca importancia tem o caso.

Novo Collegio.—Somos informados que brevemente se abrirá n'esta cidade mais uma casa d'educação e ensino, para creanças do sexo masculino, dirigida pelo nosso amigo, o Sr. Bento Desiderio Peixoto Querido.

Desejamos longa prosperidade ao novo collegio e crêmos que deve ser concorrido, attentas as qualidades do seu director.

O sr. Querido rege actualmente, na casa do Monte Pio dos Artistas, uma aula particular d'instrução primaria, onde tem provado a sua competencia.

Mais um bispo.—Em consequencia da ruptura da Alemanha com a Santa Sé, achava-se vago ha muito tempo o bispado de Ornabruck. Na quarta feira ultima foi ali consagrado bispo Monsenhor Hoting.

O entusiasmo na cidade tocou o delirio. Todas as corporações e associações tomaram parte n'aquella grande festa catholica, á qual assistiram tambem o Presidente superior de Hannovez, a municipalidade de Ornabruck e de Aurich, as auctoridades militares e judiciaes, do clero da cidade e de Westfalia.

A cerimonia foi feita pelo bispo de Hildesheim, assistido de Monsenhor Frecesberg de Pederborg e do antigo bispo militar Vasszapooski.

Em quanto em Portugal se promovem pombaladas contra a Igreja, ella váe triumphando por toda a parte!

Carlistas.—Segundo se deprehende das folhas liberaes de Hespanha, sobem em actividade os trabalhos de organização do partido Carlista.

Indigitam-se já os nomes dos directores da politica do partido legitimistata hespanhol.

Por lá e por cá.—Em um dos ultimos dias houve em Madrid uma corrida de cavallos. N'esse dia alguns deputados apresentaram-se na sessão da camara electiva, trazendo pendente da casa do fraque o bilhete de admissão no hyprodomo.

Por toda a parte a liberdade anda em pandega!

Povoia de Varzim.—O distincto sacerdote, o sr. Antonio Martins de Faria, acaba de ser apresentado na Igreja da Santa Eulalia de Beiriz.

Condecorações.—Tocou a vez agora a dois grandes vultos da litteratura franceza, Alexandre Dumas, e Victor Sardon acabam de ser aggraciados pelo governo portuguez com as commendas de S. Thiago.

Que lhes preste. Alexandre Hercnlano tambem foi condecorado, mas regeitou o prezente. Se os grandes escriptores souberem o valor das condecorações em Portugal, preferiam trazer na casa da casaca um malmequer, que mais se casaria com o espirito dos poetas do que a commenda de lagarto.

Longevidade.—Morreu em Ilamporó, provincia do Rio Graede do Sul (Brazil), uma mulher de 132 annos.

Eoi ama de leite de um tenente coronel reformado do imperio, que está prestes a completar uma centena de annoe. Teve muitos filhos, que morreram em idade avancada, e vivem ainda muitos netos, bisnetos e tataranetos.

Chamava-se Felicia dos Santos Roballo, esta macrobia.

AGRADECIMENTO

Lourenço Antonio Ribas e seus filhos, confundidos pelas provas de estima e consideração que receberam por occasião do fallecimento de sua chorada consorte e madrastra Luiza Maria de Jesus Ribas, veem respeitosamente agradecer a todas as pessoas que os cumprimentaram por tão triste acontecimento, e acompanharam até ao cemiterio publico o cadaver da finada, e em muito especial ao Exm.º Snr. Dr. delegado do Procurador Regio, Rodrigo Lobo d'Avilla, que lhe fechou o caixão e aos snrs. escrivães d'este juizo José Firmino da Costa Freitas, José Luiz d'Oliveira Pessa, Antonio José da Cunha Vianna e José Clodomiro Telles de Menezes que pegaram ás fitas do caixão; a todos protestam a sua maior estima e eterno reconhecimento.

Braga 10 de maio de 1882.

(41)

ANNUNCIOS

Pelo Juizo de direito d'esta cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão infra, no dia quatro do fucturo mez de Junho, por des horas da manhã, á portado tribunal da justiça, sito no lugar de Santo Agostinho, d'esta cidade, tem de proceder-se á venda em hasta publica, de duas moradas de casas sobradadas, em construcção designadas pelo numero de policia 20, e outras, com os numeros 21 A, a 21 C, estas completas, com um campo junto com seu tanque de pedra, tudo circuitado por muros, constituindo um predio mixto: produz o campo pão, vinho, fructa, e domina-se praso de Portas, sito na Cangosta de portas, d'esta mesma cidade, avaliado na quantia de 3:4657\$700 rs. Este predio é de natureza emphyteutica; e não foram abatidos os fóros com que é onerado o dito predio, por se ignorarem; penhorado ao Padre Manoel Alves de Castro, d'esta cidade, por virtude da deprecada passada a requerimento dos exequentes D. Florinda Candida Ferreira d'Araujo, e marido Antonio Augusto Corrêa de Vasconcellos, da freguezia de S. Thiago d'Antas, comarca de Villa Nova de Famalicão; e por este annuncio são citados os credores incertos para assistirem á praça, e deduzirem seus direitos. Braga 12 de Maio de 1882.

O Escrivão

Antonio José Gonçalves.

Verifiquei a exactidão,

O Juiz de Direito

Adriano Carneiro de Sampaio.

(39)

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca de Braga, e cartorio do escrivão do segundo officio, abaixo assignado, se ha-de proceder no dia 4 do proximo mez de junho, pelas 10 horas da manhã, na Praça publica das arrematações, á porta do tribunal do dito Juizo, no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, á arrematação dos bens abaixo declarados, penhorados aos executados Manoel Joaquim de Souza Castro e mulher Dona Roza Maria de Araujo Souza e Castro, da freguezia de São Paio, da comarca dos Arcos de Valle de Vez, na execução que contra elles move neste dito Juizo o exequente João de Oliveira e Silva d'esta cidade, cujos bens tendo andado em praça no dia 16 do mez d'abril findo pelo preço da avaliação que é a quantia de 102:000 reis; como não houvesse lançador, voltaram segunda vez á praça por metade do mesmo valor e, não tendo havido lançador, voltão agora

terceira vez á praça por todo o preço, e são os seguintes: Tres formaes de terra lavradia juntos, com agua de lima e rega, e arvores de vinho e fructo, situados no lugar de Bemposta, freguezia do Valle, da comarca dos Arcos de Valle de Vez. Pelo presente edital são citados e chamados todos os credores incertos que tenham algum direito sobre a dita propriedade, para assistirem á dita praça e deduzir seus direitos de preferencias com a pena da lei, não comparecendo no praso legal. Vai collado e inutilizado neste annuncio um sello de 10 reis.

Braga 16 de maio de 1882.

O Escrivão

João Marcos de Araujo Ribeiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

(40) Adriano Carneiro de Sampaio.

THEOLOGIA FUNDAMENTAL

PRELECCOES

POR

MANOEL DE ALBUQUERQUE

Bacharel formado em Theologia, professor de Theologia no seminario conciliar de Braga Desembargador da Relação Primacial da mesma cidade e promotor do Juizo Apostolico.

Vende-se em Braga—*Livraria Popular*—de A. Telles de Menezes—rua de S. Marcos, n.º 2;

Porto—*Livraria Religiosa Scientifica*—de J. J. de Mesquita Pimentel—rua de D. Pedro, 53;

Coimbra—*Livraria Academica*—de J. Melchíades—rua da Calçada.

Lisboa—*Livraria*—de Joaquim Antonio Pacheco—Praça de D. Pedro.

Guimarães—*Livraria Editora*—de Teixeira de Freitas.

Preço.... 1:200 reis.

SEMANARIO DOS FILHOS DE MARIA

SUMMARY.—*Nossa Senhora auxiliadora*, por A. Moreira Bello—*Caridade*, por o abb. J. S. Barroso—*Santa Quiteria* (poesia)—*Uma questão acerca do mez de maio—Maria, modelo da união com Deus—A perola d'Anthioca*, por P. Bayle—*O meu Anjo* (poesia), por Maria das Dores—*Philosophia e Fé—A Virgem Santissima prophetisada por Moyses e por Isaias—Historia da Santissima Virgem—Maria, primeiro esplendor da fé—A Virgem Maria—Intenção geral—Peregrinação de Braga ao Sameiro—Mais uma eura em Nossa Senhora de Lourdes—Chronica.*

Os Jesuitas!!!

POR M. SCOTTON DE BASSANO

Preço 60 reis

Na Livraria Catholica, Calçada do Carmo n.º 6, 1.º (Rocio)—LISBOA.

CASA FELIZ

Ignacio Torres

28—Praça do Barão de S. Marinho—28

BRAGA

EXTRACÇÃO A 6 DE JUNHO DE 1882

Premio grande 90:000\$000 rs.

Tem á venda no seu feliz estabelecimento grande sortimento de bilhetes, meios, quartos, decimos, oitavos e fracções de diferentes preços para a mesma loteria, encontra-se neste estabelecimento bom surtimento para todas as loterias, de Hespanha e Lisboa: a roda principia a andar ás 11 horas da manhã; de tarde estará presente o telegramma dos premios maiores.

Loja com fazendas brancas, miudezas, charutos, colarinhos, gravatas, punhos, sil-louras, tudo por preços commodos.

O MENSAGEIRO

DO

CORAÇÃO DE JESUS

SUMMARY

Intenção geral do mez de maio de 1882—Os interesses da Egreja na America meridional..... 63

Amigos do Cor. de Jesus.—O P. Gabriel Malagrida..... 73

As Conspiradoras.—*Uma gotta d'amoniac*..... 84

Ascensão—poesia de J. D..... 93

Sois ó Virgem meu amor—poesia de A. M..... 96

Chamamento ao mez de Maria poesia de J. S. G..... 99

Convite para desaggravo ao SS. Sacramento..... 100

Actos de desaggravo em Lisboa..... »

Carta S.ª a um velho portuguez na Asia—1.º Pastoral sobre o sacrilegio em S. Christoyão: O sr. Arcebispo de Mitylene põe o dedo na chaga.—2.º Ainda o centenário pombalino.—Os dois Coelhos.—Honra a estudantes de Lisboa. Castigo.—Um Pedrozo terror de outro. Protecção ás letras e sciencias.—Homens e homens.—historiadores, juristas, medicos, geographos mathematicos, poetas, litteratos, theologos, grammaticos, escriptores classicos, philosophos, naturalistas; heroes.—Retrato do Marquez.—Projecto de lei da infallibilidade. Enigma explicado.—Um desmentido é varias noticias. 104

Memoria historica e descriptiva da villa de Pombal
N'este livrinho se acha compendiado tu-

do quanto diz respeito á Villa de Pombal desde a sua fundação; empregando seus authores o mais rigoroso escrupulo em prescrutar a verdade sobre os principaes pontos que prendem com a historia d'esta antiga e celebre villa. N'elle se descreve minuciosamente a celebre antigualha do forno de Pombal, que muitas pessoas ainda não creem.

Tambem n'este opusculo se encontrarão alguns traços biographicos muito curiosos da vida do marquez de Pombal, desde que foi desterrado até á sua morte.

Acha-se á venda na typographia *Pombalense* e custa 400 reis. Será enviado pelo correio a quem a pedir, mediante a remessa de 400 reis em sellos de 25 ao redactor do *Pombalense*—Pombal.

COLLEGIO

DE

SANTA CATHARINA

Rua da Alegria N.º 473

Este collegio mudou em outubro, para a linda quinta denominada do Luciano, logar o mais sandavel da cidade do Porto e o mais proprio para casas d'esta ordem.

Bóa disciplina; instrucção bem dirigida; sustentação solida, sadia e abundante. Os alumnos são tratados como filhos.

Pede-se aos paes de familia o favor de visitarem esta casa de educação e de se informarem a respeito d'ella.

O Director.

José de Ramos Soares Baltar.

J. J. de Mesquita Pimentel

LIVREIRO—EDITOR

51, RUA DE D. PEDRO, 53—PORTO

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

Marquez de Pombal

CEM ANNOS DEPOIS DA SUA MORTE

PELO

CONDE DE SAMODÃES

Um volume in—12, de 334 paginas primorosamente impresso... 600 reis.
Pelo correio 630

Á venda em Braga em casa dos snrs. Manoel João de Faria & C.º—Largo de S. Francisco n.º 9, e nas livrarias.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

TYPOGRAPHIA LEALDADE DE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO
Rua de Jano N.º 1—1.º andar.